

Economistas esperam crescimento mais ameno da arrecadação em 2012

Tainara Machado

SÃO PAULO - A desaceleração da arrecadação da Receita Federal não deve acompanhar o ritmo de desaquecimento do Brasil, mas ainda assim irá ocorrer, segundo economistas e especialistas em contas públicas consultados pelo Valor. A previsão da própria secretaria é de avanço de 11,5% da receita, enquanto o Produto Interno Bruto (PIB) não deve ter alta superior a 4%.

Em setembro, ingressaram 12,9% a mais de recursos nos cofres públicos provenientes de impostos, mas para o economista Maurício Oreg, do Itaú Unibanco, a arrecadação também deve sofrer efeito da perda de fôlego da economia para fechar o ano com alta de 10,5%. No próximo ano, a desaceleração deve ser mais brusca, e as receitas administradas, na previsão do economista, devem crescer por volta de 4,5% ante 2011. “Já estamos vendo uma tendência de desaceleração”, afirmou Oreg.

Para a professora Margarida Gutierrez, do Instituto Coppead da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), esse pé no freio será decorrente, em parte, da queda da lucratividade das companhias brasileiras, que alimentam o Fisco com a Contribuição sobre Lucro Líquido (CSLL). Será o inverso do que ocorreu em janeiro deste ano, quando essa receita, puxada pelo forte último trimestre das companhias, principalmente, avançou 20% ante igual período de 2010.

O cumprimento da meta de superávit primário, no entanto, não está ameaçado, ao menos na visão de Fernando Montero, economista-chefe da Corretora Convenção Tullett Prebon. “É complicado fazer aposta categórica contra um governo federal que mostra tanta criatividade e uma economia que mostra uma resposta tão elástica”, avaliou Monteiro.

Com “surpresas na receita”, referindo-se à cessão onerosa de barris de petróleo para a Petrobras em 2010 e acertos de pendências judiciais neste ano, Monteiro julga que a economia que o governo faz para pagar juros deixa de ser uma restrição orçamentária, pois não implica redução de despesas.